

Artistas brasileiros como estratégia de visibilidade do trabalho escravo na mídia

Brazilian artists as visibility strategy of slave labor in the media

Jeyciane Elizabeth Sá SANTOS¹
Flávia de Almeida MOURA²

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar as estratégias de comunicação utilizadas na plataforma online Especial: PEC do Trabalho Escravo para dar visibilidade à lei que propõe a expropriação de terras que forem flagradas fazendo uso do trabalho escravo e as destinam à reforma agrária ou a programas de habitação. Nosso interesse é estudar como os movimentos sociais, e neste caso, a ONG Repórter Brasil busca apoio no trabalho realizado por artistas que compõem o Movimento Humanos Direitos (MHuD) para pautar na mídia discussões acerca de uma proposta de combate ao trabalho escravo. Por meio desta pesquisa, buscamos entender como a rede de combate ao trabalho escravo atua para envolver a sociedade nas discussões relacionadas ao assunto.

Palavras-chave: Estratégias de comunicação. Movimentos sociais. Trabalho escravo.

Abstract

The objective of this article is to analyze the communication strategies used in the Special online platform: Slave Labor PEC to give visibility to the law that proposes the expropriation of lands that are caught using slave labor and destined to agrarian reform or housing programs. Our interest is to study how social movements, and in this case, the ONG Reporter Brazil seeks support in the work carried out by artists who make up the Movement Human Rights (MHuD) to guide in the media discussions about a proposal to combat slave labor. Through this research we seek to understand how the slave labor combat network acts to involve society in the discussions related to the subject.

Keywords: Communication strategies. Social movements. Slave labor.

Introdução

A presente pesquisa é parte de um trabalho monográfico³, defendido em 2017 na Universidade Federal do Maranhão, que discute mídia e movimentos sociais com foco

¹ Graduada do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).
E-mail: jeyci_sa@hotmail.com.

² Doutora em Comunicação. Professora do Departamento de Comunicação da UFMA.
E-mail: flaviaalmeidamoura29@gmail.com

³ “MOVIMENTO HUMANOS DIREITOS (MHuD) E A MÍDIA: Análise da participação de artistas brasileiros na visibilidade do trabalho escravo contemporâneo”, monografia defendida em julho de 2017 no Departamento de Comunicação da UFMA.

na participação de artistas brasileiros na rede de combate ao trabalho escravo contemporâneo. Neste sentido, este artigo traz algumas análises realizadas acerca do hotsite⁴ Especial: PEC do Trabalho Escravo (www.trabalhoescravo.org.br) na busca de compreender as principais estratégias de comunicação utilizadas pelo Movimento Humanos Direitos (MHuD) para envolver a sociedade nas discussões e votações sobre o tema no Congresso Nacional. A plataforma online é uma iniciativa da Comissão Nacional para a Erradicação do Trabalho Escravo (CONATRAE)⁵, desenvolvida em parceria com a ONG Repórter Brasil, agência de notícias que utiliza o seu site (www.reporterbrasil.org.br) para promover a discussão qualificada do assunto.

Nosso interesse ao abordar a temática escravidão contemporânea não é apenas entender o efeito dessas mensagens no público, mas, principalmente estudar como os movimentos sociais, e neste caso, o Movimento Humanos Direitos (MHuD) e a ONG Repórter Brasil trabalham para utilizar a mídia como espaço de visibilidade e debate de suas demandas. Para esta reflexão, utilizamos como base teórica e metodológica principalmente os estudos sobre identidade (HALL, 2013); representação e identificação (HALL, 2010); trabalho escravo contemporâneo (ESTERCI, 1994; MOURA, 2016); redes (ARAUJO, 2000) e mídia e movimentos sociais (PERUZZO, 1998).

A ONG Repórter Brasil foi fundada em 2001, e conta com a participação de jornalistas, cientistas sociais e educadores. Devido ao envolvimento com temáticas que discutem os direitos humanos, tornou-se uma das principais referências no assunto. A ONG dispõe de inúmeras formas para combater a escravidão realizando investigações jornalísticas, reportagens, pesquisas e atividades educativas. Em 2003, após diversas ações sobre o trabalho escravo, a Repórter Brasil tornou-se representante da sociedade civil na CONATRAE. Já o MHuD (Movimento Humanos Direitos) inicia sua trajetória no dia 5 de dezembro de 2002, após um e-mail que o ator brasileiro Marcos Winter enviou ao padre Ricardo Rezende⁶, conhecido por sua atuação na luta contra o trabalho escravo no norte do Brasil. Desde a fundação, o MHuD foi pensado como estratégia

⁴ Hotsite ou Microsite é um pequeno site planejado para apresentar e destacar uma ação de comunicação e marketing pontual. Normalmente é inserido em Hotspots (Espaços estratégicos para publicidade e banners) de grandes sites ou portais. Usualmente os hotsites possuem tempo de vida útil determinado, ligado à duração da ação mercadológica, como lançamento de produtos, eventos, novas edições de produtos ou serviços, entre outras.

⁵ A Comissão Nacional para a Erradicação do Trabalho Escravo (CONATRAE) foi criada em agosto de 2003 como principal responsável em monitorar a execução do Plano Nacional para a Erradicação do Trabalho Escravo.

⁶ Ricardo Rezende é padre, antropólogo e professor da UFRJ. Mestre e Doutor na questão do trabalho escravo no Brasil.

para fortalecer o trabalho desenvolvido por entidades que apoiam causas sociais. Em janeiro de 2003, o movimento se apresenta para a sociedade como uma ONG (Organização Não Governamental) comprometida em utilizar a imagem de artistas para tornar público denúncias de crimes cometidos contra os direitos humanos.

Neste sentido, o hot site foi pensado como estratégia capaz de intensificar o serviço de informação a respeito da PEC do Trabalho Escravo. A discussão é um recorte da pesquisa de monografia que busca analisar as estratégias de comunicação utilizadas por artistas que compõem o MHuD para que o assunto escravidão moderna seja pautado na mídia.

O MHuD e o contexto do trabalho escravo contemporâneo

O Movimento Humanos Direitos (MHuD) é uma organização que realiza projetos e programas de proteção aos direitos humanos. Diferencia-se de outras entidades porque reúne militantes com trajetórias profissionais variadas – artistas, jornalistas, cineastas, professores, fotógrafos, religiosos e outros. Ao longo desses anos, o grupo age em cooperação com outras organizações, promove e incentiva o debate público e a reflexão sobre o tema dos direitos fundamentais. Suas ações concentram-se em quatro eixos prioritários: erradicação do trabalho escravo, exploração sexual infantil, demarcação das terras indígenas e dos territórios quilombolas e ações socioambientais.

Além do apoio de personalidades midiáticas, o MHuD aposta em outras ferramentas para distribuir informações sobre os direitos fundamentais. Em 2006, foi criado o site do movimento (www.humanosdireitos.org). Três meses após a criação do site, adotou um canal no youtube chamado Humanos Direitos. Em 2012, o movimento criou a página no facebook Conheça o MHuD. Todas essas ferramentas são utilizadas como estratégias que permitem o acesso a assuntos sobre a violação dos direitos humanos no país.

Segundo Henriques (2007) a comunicação é um importante instrumento para auxiliar o movimento social no processo de transformação da realidade e, conseqüentemente, da sociedade. É neste sentido que acreditamos que embora o desenvolvimento da internet tenha contribuído bastante para a divulgação do trabalho realizado por instituições envolvidas com os direitos humanos, ainda assim é necessário

fortalecer o debate sobre a cobertura midiática de temas relacionados ao trabalho escravo contemporâneo.

Os movimentos nas instituições dominantes da mídia global são de escala tectônica. (...) o poder da mídia contemporânea e a debilitação correlativa e progressiva dos governos nacionais em controlar o fluxo de palavras, imagens e dados dentro de suas fronteiras são profundamente significantes e indiscutíveis. É um traço fundamental da cultura da mídia contemporânea. (HENRIQUES, 2007, p.18)

Com o desenvolvimento desta pesquisa, procuramos entender de que formas artistas brasileiros buscam despertar o interesse da mídia em fazer coberturas jornalísticas a respeito das causas defendidas pelo grupo. Entender a relação entre mídia e movimentos sociais já que grande parte dos movimentos sociais utiliza a mídia para aproximar a sociedade do debate acerca de diversos assuntos e muitos tem a consciência de que a mídia é o espaço ideal para obter a visibilidade, compartilhar e debater suas ideologias.

Atuação do MHuD na rede de combate ao trabalho escravo contemporâneo

O interesse em documentar os fatos tem sido preponderante para a produção de qualquer narrativa histórica, sendo que a comunicação passa a ser ferramenta indispensável nesse processo. De acordo com Neide Esterici (1994), já nos anos de 1960, circulavam na imprensa brasileira informações sobre trabalho escravo. Entendido aqui como todas as formas de exploração onde há a imobilização da mão de obra por meio da coação física e/ou moral, além da restrição da capacidade de ir e vir dos subordinados e da limitação de sua liberdade de oferecer a outros seus serviços (ESTERCI, 1994).

As primeiras notícias revelam que a intervenção de agentes da Polícia Federal e imprensa foram essenciais para disseminar a discussão do assunto. Ao longo dos anos de 1970, muitos outros atores passaram a ter voz cada vez mais ativas e essenciais para fundamentar esse tipo de discussão. Dentre eles, trabalhadores e membros de equipes religiosas ocuparam um espaço de destaque ao lado de outras entidades da sociedade civil.

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil divulgou ontem documento do bispo de São Félix do Araguaia, D. Pedro Casaldáliga, (...) “Uma Igreja em conflito com o latifúndio e a marginalização social”. Com esse título, o bispo deu início ao seu relatório. (...) No dia 8 de agosto, houve uma intervenção espetacular da Polícia Federal na Companhia CONDEARA, a famosa ‘condenada’, na gíria do povo. Essa intervenção da polícia e da imprensa revelou alguma coisa, nem tudo, de uma trágica realidade” (JB, novembro, 1971) (ESTERCI, 1994, p. 15).

Segundo registro histórico, o trecho destacado anteriormente trata da primeira denúncia contra o trabalho escravo contemporâneo no Brasil. O fato aconteceu no dia 10 de outubro de 1971, quando o então padre Pedro Casaldáliga⁷, atualmente bispo emérito da prelazia de São Félix do Araguaia, no Mato Grosso, chamou a atenção para o tema por meio da publicação da carta pastoral “Uma Igreja da Amazônia em conflito com o latifúndio e a marginalização social”, um texto que aproxima a igreja das discussões sobre latifúndio, trabalho escravo e pistolagem na região.

A mídia tem poder de persuasão que estimula os mais diversos aspectos da vida das pessoas. Tanto é que muitas vezes a noção mais próxima que se tem da realidade é construída muito fortemente pelos veículos de comunicação. Sendo assim, partimos da ideia de que a mídia pauta desde nossas conversas até mesmo o que vamos comprar. Neste sentido, considerar a mídia a partir de uma perspectiva mais abrangente é necessário para entender a proposta deste trabalho. A noção de que vivemos em um mundo saturado pela mídia (SILVERSTONE, 2002) é necessária para entendermos a mídia como instituição social que participa das representações dos sujeitos. O autor propõe estudar a mídia como dimensão social e cultural, mas também política e econômica, do mundo moderno; estudar sua onipresença e sua complexidade.

Atualmente, os movimentos sociais dispõem de diversas ferramentas para divulgar ideias capazes de possibilitar a formação de outras opiniões. Um site, panfleto, redes sociais, passeata ou mesmo blog são algumas das alternativas utilizadas por grupos que tentam de alguma forma descentralizar o discurso.

⁷É um bispo católico radicado no Brasil desde 1968. Nasceu em 16 de fevereiro de 1928, em Pere Casaldaliga i Pla, província de Barcelona, na Espanha. Pedro Casaldáliga chegou ao Mato Grosso para atuar como o primeiro bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia. Já nos primeiros anos na região, ao lado de outros padres espanhóis, envolveu-se com a defesa de povos indígenas, ameaçados pela violência dos conflitos agrários e pela expansão dos latifúndios na região.

Numa conjuntura em que vinha à tona a insatisfação decorrente das precárias condições de existência de uma grande maioria e das restrições à liberdade de expressão pelos meios massivos, criam-se instrumentos “alternativos” dos setores populares, não sujeitos ao controle governamental ou empresarial direto. Era uma comunicação vinculada à prática de movimentos coletivos, retratando momentos de um processo democrático inerente aos tipos, às formas e aos conteúdos dos veículos, diferentes daqueles da estrutura então dominante, da chamada “grande imprensa”. Nesse patamar, a “nova” comunicação representou um grito antes sufocado, de denúncia e reivindicação por transformações, exteriorizando sobretudo em pequenos jornais, boletins, alto-falantes, teatro, folhetos, volantes, vídeos, audiovisuais, faixas, cartazes, pôsteres, cartilhas etc. (PERUZZO, 1998, p. 114-115)

O MHuD é formado por artistas que participam de campanhas, entrevistas, eventos, mobilizações em defesa de causas sociais e dos direitos humanos. Comunicar é o objetivo do movimento, por isso manter uma relação de proximidade com a mídia é indispensável nesse processo.

Os movimentos sociais populares representam estruturas novas que podem vir a contribuir na formação de um duplo poder. São criações da sociedade civil, que a vão democratizando, exercendo um papel do qual os canais tradicionais de representação não estavam dando conta. Além do mais, não tiram espaços destes, mas, pelo contrário, pode somar esforços com eles. São depositários de experiências da democracia direta, surgindo, talvez, para complementar a democracia representativa. (PERUZZO, 1998, p. 69)

Sabemos que o MHuD possui um tipo de proximidade com a mídia, e através dessa relação, busca dar apoio a entidades que precisam da visibilidade para tornar público suas ações. O que acontece quando artistas conhecidos e reconhecidos na sociedade assumem a missão de utilizar a mídia para dar apoio a temáticas sociais?

Conscientes do poder de influência que possuem, os participantes do MHuD utilizam a visibilidade que têm para contribuir com causas sociais e, conseqüentemente, devem carregar, em sua imagem, valores que constroem a visão política do grupo que estão representando; o que torna necessário aprofundar também as discussões sobre representações sociais.

Para Hall (2010), representação significa usar a linguagem para dizer algo com sentido sobre o mundo ou para representá-lo de maneira significativa para as outras pessoas. No processo da dinâmica identitária é significativo cada indivíduo reconhecer-

se enquanto sujeito pertencente a um determinado grupo onde exista a construção do reconhecimento mútuo.

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. (HALL, 2010, p. 17)

A forma como a questão da identidade vem sendo apresentada nos conteúdos midiáticos tem sido alvo de estudos que analisam tanto produtos da enunciação como também os efeitos do enunciado. Na busca de compreendermos as formas de representação do grupo social estudado, nos orientaremos a partir das reflexões dos Estudos Culturais, apresentadas pelo teórico jamaicano.

Hall (2013) constrói a ideia de identidade como algo plural, estabelecendo assim um conceito mais contemporâneo e dinâmico, algo que muda com relação às diferentes posições que temos na sociedade. Para o autor, as identidades se formam num ponto de sutura entre os discursos e as práticas de interpelação que convocam indivíduos a ocupar lugares sociais e os processos que constroem subjetividades que formam os sujeitos aos quais se podem fazer esse chamamento.

Utilizo o termo “identidade” para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que possuem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode falar. As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós (HALL, 2013, p. 112)

No caso estudado, percebemos os fatores de identidade do MHuD quando os artistas assumem dar apoio aos que estão relegados dos principais direitos humanos, dentre eles, o de liberdade, o de igualdade e o de dignidade da pessoa humana, os participantes constroem suas identidades a partir da diferença, ou seja, aquilo que o indivíduo sente que falta nele mesmo. A partir da diferenciação existe a concepção da

identidade, a cultura da identidade pela diferença.

Neste sentido buscamos analisar as relações discursivas que concebem o MHuD como agente social responsável em dar visibilidade ao tema trabalho escravo. Para a realização deste tipo de análise buscamos apoio nos estudos realizados por Inesita Araújo (2000). Na obra *Mediações e poder*, a autora se dedica em investigar o modo pelo qual os agentes sociais, através de práticas discursivas, disputam essa espécie de poder, ou seja, o poder de falar e se fazer ouvir, ou mesmo, se constituir como agente social. Segundo Araújo (2000) “O poder simbólico exerce-se nas relações sociais, na capilaridade social, é constitutivo e constitui-se na dinâmica social”, é um tipo de poder que se manifesta naturalmente em diferentes situações.

Ao falar sobre o assunto, a autora enfatiza que não está se referindo ao poder político, nem ao poder econômico, muito menos ao poder da força bruta. Pelo contrário, Inesita baseou seus estudos segundo o conceito de poder simbólico elencado por Pierre Bourdieu, a autora demonstra interesse em entender o tipo de poder que age de forma mais sutil, quase que imperceptível. “Com Bourdieu, penso que relações de comunicação são, sim, de modo inseparáveis relações de poder, mas que dependem do capital simbólico dos agentes e instituições envolvidos”. (ARAÚJO, 2000, p.2).

Por tratar-se de um movimento que é representado em sua grande maioria por artistas e intelectuais conhecidos e reconhecidos publicamente, consideramos que essa característica faz com que o grupo esteja ligado ao capital simbólico advindo diretamente dos bens culturais, econômicos e sociais. O local de fala conferido ao MHuD reconhecido pela rede de combate ao trabalho escravo vai além da posição que seus participantes ocupam na sociedade.

As relações de poder entre interlocutores são, assim, determinadas pelas formas como os dispositivos de enunciação são reconhecidos e consumidos. Ao reconhecer-se no enunciado de um texto, ao sentir-se identificado com a cultura ali expressa, ao acatar as imagens que o emissor lhe propõe, o receptor aceita as regras do jogo e fica sob o poder do texto. Podemos, então, dizer que o poder concerne aos “efeitos discursivos”, diz respeito às gramáticas de reconhecimento, ao “consumo discursivo”. Pode ser apreendido na análise dos processos de circulação, negociação e consumo dos discursos (em outros termos, nos processos de recepção). (ARAÚJO, 2000, p.2).

A maior parte dos associados ao movimento são figuras públicas ligadas diretamente ao ramo do entretenimento como atrizes, atores, cantores, e conta ainda com a participação de jornalistas, professores, advogados e estudiosos do assunto, ou seja, a estrutura do MHuD é formada por artistas e intelectuais, que por si só já possuem legitimidade social. Ao carregar isso como sua característica principal, outras entidades buscam apoio no trabalho realizado pelo grupo para disseminar informações sobre o assunto.

Especial: PEC do Trabalho Escravo

A cobertura Especial: PEC 438 foi organizada pela ONG Repórter Brasil, a pedido da CONATRAE , o hot site⁸ foi pensado como estratégia capaz de intensificar o serviço de informação a respeito da PEC do Trabalho Escravo.

Segundo informações compartilhadas no hot site da Repórter Brasil, a PEC do Trabalho Escravo - Proposta de Emenda Constitucional (PEC 438/2001) propõe nova redação ao Art. 243 da Constituição Federal, que trata do confisco de propriedades em que forem encontradas lavouras de plantas psicotrópicas ilegais, como a maconha, por exemplo. A nova proposta estende a expropriação - sem direito à indenização - também para casos de exploração de mão de obra análoga à escravidão. A PEC 438/2001 define ainda que as propriedades confiscadas serão destinadas ao assentamento de famílias como parte do programa de reforma agrária ou ao uso social urbano.

⁸ A pedido da Comissão Nacional para a Erradicação do Trabalho Escravo (CONATRAE), a Repórter Brasil organizou esta página especial voltada para a cobertura sobre a PEC do Trabalho Escravo. As informações têm como objetivo ampliar e subsidiar o debate qualificado sobre a questão, bem como dar visibilidade e aumentar o envolvimento da sociedade nas discussões e votações sobre o tema no Congresso Nacional. Fonte: (<http://www.trabalhoescravo.org.br/>)

Figura 1 - Página inicial do hot site Especial PEC do Trabalho Escravo

Especial: PEC do Trabalho Escravo

Repórter Brasil

CONGRESSO NACIONAL

Relator aceita mudar conceito de escravidão a pedido de ruralistas

Relator da reforma do Código Penal no Senado Federal, Vital do Rêgo (PMDB-PB), acatou emendas que diminuem a possibilidade de punição a quem se aproveita de trabalho escravo Trabalho escravo

Abaixo-assinado pela aprovação da PEC. Participe!

Notícias e Artigos

Banco de imagens

Clipping

Vídeos

Expediente

Em vídeos, artistas defendem PEC

Por que aprovar a PEC do Trabalho Escravo?

Perguntas e respostas sobre trabalho escravo no Brasil

Leia a íntegra e acompanhe o andamento da PEC 57A/1999 (ex 438/2001) no site do Senado

Confira o vídeo da campanha pela aprovação da PEC 438

Trabalho escravo em imagens - confira registros de flagrantes de condições degradantes

Notícias

- 18/12/2014 CONGRESSO NACIONAL Nota de repúdio às emendas que tentam mudar o conceito de trabalho escravo
- 16/08/2014 REDES SOCIAIS Após mandara contra PEC, ruralistas sofrem críticas no Facebook
- 09/08/2014 MOVIMENTO HUMANOS DIREITOS No Senado, artistas alertam para tentativas de esvaziar a PEC
- 28/05/2014 LEGISLAÇÃO PEC do Trabalho Escravo é aprovada no Congresso
- 03/02/2014 ARTIGO Trabalho escravo no Brasil contemporâneo: um olhar além da restrição da liberdade
- 03/02/2014 TRABALHO ESCRAVO Pelo Facebook, ruralistas são pressionados a reconhecer escravidão
- 31/01/2014 BANCADA RURALISTA Sabia que estão tentando acabar com o combate à escravidão?
- 31/01/2014 ARTIGO 28 de janeiro, um dia para não esquecer
- 27/01/2014 ANÁLISE Proposta pode provocar grave retrocesso no combate ao trabalho escravo
- 05/11/2013 CONGRESSO NACIONAL Legislação brasileira contra escravidão é exemplo internacional, diz OIT

Abaixo-assinado pela aprovação da PEC do Trabalho Escravo sem alterações na definição de escravidão

Ajude a divulgar a campanha: compartilhe esta página nas suas redes sociais

Twitter 2

Facebook

Compartilhar

Fonte: Repórter Brasil

Na página inicial do hot site, estão disponibilizadas informações que tratam especificadamente do tema. São 80 textos entre notícias, pesquisas e análises a respeito do que estava acontecendo no Congresso Nacional, Senado, Câmara dos Deputados, mobilizações nas redes sociais e o trabalho desenvolvido por entidades governamentais e não governamentais relacionados com a proposta de emenda. A primeira matéria que aparece no Especial: PEC do Trabalho Escravo foi publicada no dia 12 de agosto de 2004, trata de uma reportagem produzida pela ONG Repórter Brasil que divulga na íntegra a lista com os nomes dos deputados que votaram contra e a favor da PEC. A última notícia registrada no hot site é de 18 de dezembro de 2014, compartilhada do Blog do Sakamoto⁹ sobre a redução no conceito do trabalho escravo. No texto o jornalista Leonardo Sakamoto explica as consequências do projeto criado exclusivamente para diminuir a possibilidade de punição de quem utiliza esse tipo de

⁹ Vale destacar que o jornalista Leonardo Sakamoto é presidente da ONG Repórter Brasil e membro fundador da mesma.

mão de obra.

A página possui, ainda, um banco de imagens com registros de condições sub-humanas de trabalho. Nelas, Leonardo Sakamoto retrata a realidade vivida por pessoas que foram submetidas ao trabalho escravo no país nos últimos 12 anos. As imagens mostram crianças resgatadas pelo grupo móvel de fiscalização, água suja que os trabalhadores eram obrigados a consumir, barracos de lona em que viviam alojados, caderno que o “gato” utilizava para anotar as supostas dívidas contraídas pelos trabalhadores, além de imagens de consequências ambientais deixadas por esse tipo de exploração.

A equipe da ONG Repórter Brasil também teve a preocupação de organizar o *clipping* de matérias sobre a PEC 438. Neste espaço, contém 38 matérias que foram veiculadas nos mais diversos meios de comunicação nacionais e internacionais como Gazeta do Povo, Correio Brasiliense, Revista Istoé, Site da ONU, Rádio Vaticano, entre outros. O *clipping* abarca textos de ONGs, entidades públicas e privadas envolvidas com a temática.

Como já exposto, a visibilidade midiática de artistas é legitimada como capital simbólico que consiste no capital econômico, cultural e social. Concordamos com Silverstone (2002) quando o autor enfatiza que “(...) vivemos em um mundo saturado pela mídia”. Dessa forma, podemos considerar que a mídia está presente no cotidiano das pessoas, certamente, os indivíduos que participam dela têm as suas imagens relacionadas a algo familiar. É como uma via de mão dupla em que a mídia precisa do artista para imprimir comportamentos e o artista também depende da mídia para garantir o reconhecimento na sociedade. Nesse jogo de interesses, o MHuD se destaca por ser caracterizado como um grupo em que a mídia busca para vender mais, no entanto, os artistas do movimento possuem o interesse de ir além do olhar mercadológico atribuído às suas funções e, dessa forma, se propõem a utilizar o poder simbólico para ter êxito nas ações de combate ao trabalho escravo.

A legitimidade discursiva é determinada por outros fatores além da posição social e institucional e do poder econômico e social dos falantes. Passa por interesses individuais, grupais e de classe (contexto existencial), pela história das relações institucionais anteriores e pela forma de mediação discursiva (contexto situacional), pela concorrência de outras falas (contexto intertextual) etc. É o

reconhecimento de um discurso como legítimo, pelos receptores, que instaura as relações de poder que lhe são inerentes. (ARAÚJO, 2000, p.2).

Na categoria vídeos, estão disponibilizadas as vinhetas produzidas por artistas ligados ao Movimento Humanos Direitos (MHuD). Sob o comando do pesquisador Ricardo Rezende e da artista plástica Salete Halack como produtores, os artistas gravaram vídeos em defesa da aprovação da PEC 438. No total, 15 personalidades midiáticas expuseram um posicionamento em favor do fim da escravidão no Brasil.

O vídeo completo da campanha tem duração de 3 minutos e 35 segundos. Nele, todos os artistas aparecem usando a camiseta do movimento. As filmagens foram transformadas em vinhetas de 30 e até 15 segundos para serem veiculadas na TV Globo¹⁰.

¹⁰ As inserções em rede nacional, pela TV Globo, aconteceram no contexto do projeto Globo Cidadania, em períodos delimitados em 2011 e 2012.

Figura 2 - Imagem de vídeos de artistas ligados ao MHuD publicados no hotsite



Fonte: hotsite PEC do Trabalho Escravo (2012).

Quanto às contribuições de Araújo (2000) sobre as noções de centro e periferia no contexto das redes sociais, podemos considerar que o MHuD se configura como um movimento que não pertence somente ao núcleo central ou só ao periférico; mas transita na dinamicidade, conforme explica a autora.

(...) Centro e periferia são posições relativas, que se reproduzem em cada campo, em cada núcleo ou comunidade discursiva, e cada grupo social por menor que seja. Ninguém pertence só aos núcleos centrais ou só aos periféricos. O presidente de uma organização indígena, que ocupa posição central em relação aos habitantes de uma aldeia, é periférico em relação à direção da federação de organizações indígenas. Um dirigente de uma ONG, centro em relação aos seus subordinados, integra o núcleo periférico quando as relações são entre ONGs e agências internacionais de cooperação. (ARAUJO, 2000, p. 3).

Isto é, em termos de visibilidade na mídia, os participantes do MHuD se destacam na posição central, pois a imagem de tais artistas a serviço dos direitos humanos faz circular conhecimentos acerca do trabalho escravo contemporâneo. Nesse jogo de relações, o movimento ocupa a posição periférica quando busca publicizar a imagem de pessoas e organizações que executam trabalhos sociais; que não são suficientemente conhecidas, e ou, pelo trabalho executado são ameaçadas de morte, por exemplo. Cabe ao MHuD pressionar as autoridades para que executem ações em prol da paz e da justiça. “Centro e Periferia não são lugares de exclusão, de poder ou não poder. Há poder em todo lugar, fortalecido ou enfraquecido pelas relações estratégicas”. (ARAUJO, 2000, p. 3).

Na abertura do vídeo, é apresentado o folder “Não ao Trabalho Escravo: Campanha pela Aprovação da PEC 438/2001. O produto audiovisual é finalizado com a foto em P&B de quatro trabalhadores e uma criança na carvoaria. O registro foi feito pelo fotógrafo João Roberto Ripper. A imagem expressa o cansaço envolto a indignação, naquele momento “de braços cruzados” como quem exige atenção para o problema. Ao fundo, aparece muita fumaça, vinda das carvoarias. O símbolo da TV Globo não aparece ao final do vídeo; diferente das outras vinhetas selecionadas para exibição no canal, sendo que a filmagem veiculada na TV contou com a participação de artistas consagrados como Wagner Moura, Cristina Pereira, Osmar Prado, Letícia Sabatella, Camila Pitanga, entre outros.

Na capa do hotsite são disponibilizados dois links de acesso ao abaixo-assinado por meio dos quais o usuário poderia exigir a aprovação da PEC, outra forma de participação presente ainda hoje na página é a possibilidade de compartilhar todas as informações nas redes sociais como Facebook e Twitter.

As notícias na capa tratam sobre a temática em diferentes aspectos, em destaque no topo da página inicial um texto com o título “Relator aceita mudar o conceito de escravidão a pedido de ruralistas”, expõe informações sobre a ameaça da redução no conceito do que vem caracterizar o trabalho escravo, outras quatro matérias que foram fixadas desde o início da campanha explicando Por que aprovar a PEC do Trabalho Escravo; um link que trata de Perguntas e respostas sobre trabalho escravo no Brasil; além de informações que direcionam para o site do Senado Federal a fim de aproximar o usuário das atividades legislativas relacionadas à PEC.

O último link dessa categoria é composto por um vídeo elaborado pela ONG Repórter Brasil para dar apoio à campanha, sendo que, desta vez, a discussão do assunto é aguçada a partir da utilização de imagens registradas pela equipe da Repórter Brasil. A trilha sonora escolhida para o vídeo “Apesar de Você”¹¹, de Chico Buarque, considerada uma de suas principais composições produzidas durante o regime militar no Brasil. Ao som do cantor, aparecem imagens de trabalhadores em situações de trabalho degradante, armas apreendidas em fiscalizações, alojamentos precários ao mesmo tempo em que são exibidos na tela textos com informações sobre a temática instigando o usuário a pedir ao seu deputado ou a sua deputada para aprovar a Proposta de Emenda Constitucional 438/2001. O vídeo é finalizado com a frase: “Trabalho Escravo – É hora de abolir de vez essa vergonha”.

¹¹ A música é considerada um “hino” contra a ditadura militar que governou o Brasil de 1964 a 1985. A letra trata da falta de liberdade que se vivia no país. Como já era de se esperar, a música foi censurada pela ditadura. A canção foi lançada originalmente num disco de título Chico Buarque, no ano de 1978.

Figura 3 - Artistas defendem erradicação do trabalho escravo



Fonte: hotsite PEC do Trabalho Escravo (2012).

Até o dia 10 de março de 2017, o vídeo completo da campanha totaliza 1.245 visualizações. Já o material que contou com a participação do ator Wagner Moura teve o alcance de 2.566 visualizações; o da atriz Cristina Pereira obteve 1.086 visualizações; Osmar Prado, 979 visualizações, e o vídeo composto por Letícia Sabatella e Camila Pitanga apresenta 1.176 visualizações.

Considerações finais

Com base neste estudo, podemos considerar que as estratégias utilizadas no Especial: PEC 438 para conseguir a aprovação da proposta foram essenciais para fortalecer a luta de combate ao trabalho escravo ao frisar o assunto como um discurso que foi validado pela opinião pública a partir de uma construção argumentativa convincente, elaborada pelo movimento social, articulado em rede.

A utilização da imagem de artistas brasileiros em campanhas ou mesmo eventos e outras ações contribui para o MHuD se consolidar na rede de combate ao trabalho

escravo como um grupo responsável em fazer com que a discussão seja colocada em pauta na grande mídia e, conseqüentemente, na busca de alcance cada vez mais significativo.

Ao olharmos para o nosso objeto de estudo, percebemos que a rotina de acompanhar a presença dos participantes do MHuD na mídia seja representando personagens em novelas e filmes, ou mesmo, como protagonistas de notícias veiculadas nos mais diversos tipos de mídia, como televisão, sites, rádios e jornais. De certo, o artista é um tipo de cidadão que consegue estar presente no cotidiano de diferentes camadas sociais interagindo entre o capital simbólico cultural, econômico e social. Um artista que desempenha o papel de protagonista em uma novela, por exemplo, passa a ter sua rotina exposta para milhões de brasileiros. Este é o tipo mais comum de atração que os canais de comunicação costumam oferecer como entretenimento. Neste estudo de caso, percebemos a apropriação dessa visibilidade dos artistas brasileiros para pautar assuntos ligados a questões de direitos humanos; construindo assim uma estratégia de comunicação interessante para o fortalecimento da rede de combate ao trabalho escravo no Brasil.

Referências

ARAÚJO, Inesita Soares. **Mercado simbólico**: interlocução, luta, poder. Um modelo de comunicação para políticas públicas. Tese de doutorado, CFCH/UFRJ, Rio de Janeiro, 2002.

ESTERCI, Neide. **Escravos da desigualdade**: estudo sobre o uso repressivo da força de trabalho hoje. Rio de Janeiro: Cedi, 1994.

HALL, Stuart. El trabajo de la representación. *In*: **Sin garantias**: trayectorias y problemáticas em estúdios culturales. Perú/Colômbia/Ecuador, 2010.

_____. Quem precisa de identidade? *In*: SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

HENRIQUES, Márcio Simeone (Org.). **Comunicação e estratégias de mobilização social**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MOURA, Flávia. **Trabalho escravo e mídia**: olhares de trabalhadores rurais maranhenses. EDUFMA. São Luís, 2016.

PERUZZO, Cícilia Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania.** Petrópolis: Vozes, 1998.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

Sites consultados

<http://www.humanosdireitos.org>

<http://www.reporterbrasil.org.br>

<http://www.trabalhoescravo.org.br>

<http://www.oitbrasil.org.br>

<http://www.senado.gov.br>